

LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS: POTÊNCIAS E DESAFIOS DE UM CAMPO ACADÊMICO E PROFISSIONAL EMERGENTE NO BRASIL

Leandro da Silva Gomes Cristóvão *

Resumo: Neste texto, busco apresentar um campo de atuação acadêmica e profissional emergente na cena brasileira, o de Línguas Estrangeiras Aplicadas. Desde 2003, discentes, docentes e corpo administrativo constroem institucionalmente a história de quatro cursos de graduação brasileiros voltados a um saber aplicado e em sintonia com características do mundo contemporâneo. Destacam-se no presente texto as particularidades do Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEANI) do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ), em especial o seu potencial para a formação de internacionalistas sensíveis às dinâmicas sociodiscursivas contemporâneas. Escrito em tom ensaístico, o texto pretende levantar potencialidades e desafios da formação em Línguas Estrangeiras Aplicadas e sinalizar ações a serem continuadas a fim de fortalecer o campo.

Palavras-chave: Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Línguas Estrangeiras Aplicadas. Contemporaneidade.

Abstract: In this paper, I aim to present an emerging academic and professional scope of work in the Brazilian context, namely the Applied Foreign Languages. Since 2003 student bodies, teaching and administrative staffs have institutionally shaped the history of four Brazilian undergraduate courses devoted to an applied knowledge as well as in tune with features of the contemporary world. As follows, a number of peculiarities are highlighted in this paper as regards the Bachelor's Degree in Foreign Languages Applied to International Negotiations (or LEANI, in accordance with how the acronym reads in Portuguese), which is offered by the Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ). Special consideration is given to the degree's potential with respect to the training of qualified internationalists who are sensitive to the contemporary sociodiscursive dynamics. Written in an essay-like tone, this paper seeks to examine potentialities and challenges faced within the context of the bachelor's degree as well as signal ongoing courses of action which can strengthen the field of Applied Foreign Languages.

Keywords: Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Applied Foreign Languages, Contemporaneity

Introdução

Em 2014, o Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ) iniciou as atividades do Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às

* Docente do Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEANI) e coordenador e docente da Pós-Graduação *Lato Sensu* Sociedade, Linguagem e Relações Internacionais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ). E-mail: leandro.cristovao@cefet-rj.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0935-6762>.

Negociações Internacionais (LEANI). Produto de uma elaboração coletiva, o LEANI vem se construindo, através da ação de alunos, docentes e corpo administrativo institucional, com um curso de formação em nível superior inovador no que se refere ao perfil de profissional, pesquisador e intelectual que ali se projeta. Em discursos relativos ao curso, destacam-se frequentemente a pluralidade temática de sua grade de disciplinas e a atenção a aspectos que constituem a vida social contemporânea. A simbologia plural e contemporânea perceptível nos discursos sobre o curso do Cefet/RJ não é muito distinta daquela presente em outros contextos universitários que também oferecem graduações em Línguas Estrangeiras Aplicadas (LEA). Não parecem ser também exclusivos do Cefet/RJ os desafios que se apresentam aos sujeitos da história dessa formação ainda tão recente no contexto brasileiro.

Numa tentativa de registrar episódios dessa história, bem como continuar a reflexão já iniciada por outros pesquisadores, neste texto dedico-me a: (1) construir um breve percurso biográfico/memorialístico dos cursos de LEA no Brasil – com maior atenção ao contexto do Cefet/RJ – e suas relações com outros países; (2) elaborar uma reflexão sobre as sintonias desses cursos com aspectos constitutivos do mundo social contemporâneo; (3) apresentar alguns desafios que se mostram salientes no cotidiano dos sujeitos dessa história no Brasil.

Para atingir esses objetivos, recorro a pressupostos metodológicos previstos pela pesquisa do tipo documental, uma vez que lido com textos como projetos pedagógicos e outros documentos que registram a construção dos cursos. Por ter estado presente e atuado como participante dos primeiros gestos que deram corpo ao curso do Cefet/RJ, não deixo, quando pertinente, de valer-me do exercício da memória e incluir apontamentos de caráter narrativo. Com isso, não almejo construir um testemunho revelador ou um depoimento fidedigno de alguém que participou das ações que levaram à oferta do Bacharelado em LEANI no Cefet/RJ. Ao trazer ao texto registros narrativos e memórias ecoantes, levo em consideração minha participação subjetiva nas ações do passado e neste exercício do presente. Assim, alinho-me a Elliot G. Mishler (2002), autor que elabora a relação que estabelecemos com o tempo presente – aquele em que narramos – e o passado – aquele para o qual olhamos ‘desde um retrovisor’, para usar uma expressão sua. Mishler vale-se da ‘mão dupla do tempo’ para explicar essa relação. Segundo ele, trata-se de [...]

[...] uma característica inerente e intratável de como nos lembramos do nosso passado e continuamente o re-historiamos, variando a significância relativa de

diferentes eventos de acordo com a pessoa em quem nos transformamos, descobrindo conexões das quais não estávamos previamente cientes, nos reposicionando a nós mesmos e aos outros em nossas redes de relações. O passado não está gravado em pedra, e o significado dos eventos e experiências está constantemente sendo reenquadrado dentro dos contextos de nossas vidas correntes e em curso (Mishler, 2002, p. 105).

Em outras palavras, sinalizo que o texto que aqui se apresenta é assumidamente subjetivo e produto de meus exercícios parciais e implicados de interpretação de sentidos. Cito documentos, embaso-me em autores na busca de legitimação de meus argumentos, dialogo com leituras outras além da minha, sem excluir ou disfarçar o ponto de onde vejo a história que desejo contar, da qual sou um sujeito participante. Assim sendo, meu fazer interpretativo, escrito de forma ensaística, está ciente de suas limitações, aberto a releituras críticas de outros sujeitos e desejoso de complementos e continuidades.

Finalmente, embora já tenha sinalizado acima, destaco que, ao valer-me da sigla LEANI, faço referência ao curso do Cefet/RJ; ao usar LEA pontuo questões que percebo como comuns aos cursos de Línguas Estrangeiras Aplicadas. A relação que estabeleço neste texto entre LEANI e LEA é metonímica. Como friso insistentemente, sei das particularidades existentes em cada contexto acadêmico, mas estou aqui interessado mais nas aproximações do que nos distanciamentos, com o que pretendo cumprir um objetivo indireto, qual seja, a identificação de LEA como um campo do conhecimento em construção no cenário contemporâneo.

O Bacharelado em LEANI do Cefet/RJ e sua relação com outros contextos de produção em LEA

Uma segunda-feira qualquer, por volta das 08h. Saio de casa para ir ao trabalho. Como de costume, chamo um carro para chegar mais depressa e não correr riscos de atraso. Entro no automóvel e, apesar de já ter sinalizado o destino pelo aplicativo que costumo utilizar, digo ao motorista que vou para o Cefet e que quero ficar na entrada da Rua General Canabarro, em frente ao prédio da Petrobrás. Após alguns minutos de silêncio, o motorista diz: ‘Estudei lá, na época que se chamava Escola Técnica Federal. O senhor dá aula de quê?’. Antes de responder, penso, em rápidos segundos, no trabalho que terei para explicar o que ensino no âmbito do LEANI nos próximos quinze minutos, tempo que dura a viagem. Decido ser mais objetivo: ‘Dou aula de português’. O taxista então pergunta: ‘E o senhor dá aula para algum curso técnico específico?’. Já com menos minutos de viagem, vejo que tenho duas opções:

dizer que trabalho em variados cursos (e assim não precisar explicar muitas outras coisas) ou acionar umas das minhas respostas-síntese que deixo sempre a postos para dizer que dou aula para o Bacharelado em LEANI. Escolho a segunda opção e digo: ‘Trabalho na graduação, moço, mas não nos cursos de engenharia. Dou aula para um curso mais recente da instituição, um curso voltado para a área internacional. O nome é grande: Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, então a gente costuma usar uma sigla, LEANI. É uma proposta bem interessante na qual o Cefet apostou há alguns anos e que vem dando bons frutos para a instituição. Os alunos estudam assuntos de diferentes áreas do conhecimento como Administração, Relações Internacionais e Línguas Estrangeiras e se preparam para uma atuação em empresas, instituições e iniciativas do cenário internacional’. Com um olhar de surpresa, o motorista comenta que não conhecia e que ficou curioso em saber mais sobre o curso. Falo mais um pouco das disciplinas, da minha atuação com matérias de produção textual – um sinal fechado contribuiu para uma apresentação mais detalhada – e chegamos à porta da General Canabarro. Despeço-me do motorista, entro para mais uma manhã de aulas e dou uma risada interna dizendo para mim mesmo: ‘Até que dessa vez consegui explicar bem a nossa ornotorrinca¹’.

Emblemática de várias manhãs de deslocamento de minha casa até meu espaço de trabalho, a pequena narrativa acima ilustra alguns desafios cotidianos dos participantes dos cursos de LEA em seus exercícios de explicação, delimitação e construção de coerência quando precisam dizer em que curso estudam, lecionam e/ou atuam administrativamente. Considerando que o LEANI, no Rio de Janeiro, é oferecido pelo Cefet/RJ, os desafios podem ser ainda maiores.

A história institucional mais conhecida e divulgada do Cefet/RJ constrói uma imagem de espaço de excelência na formação de profissionais de nível médio, técnico e superior, especialmente no âmbito das engenharias. Em relação estreita com a cronologia da instituição, esse imaginário recupera eventos ocorridos a partir de 1917, data de nascimento da então denominada Escola Normal de Artes e Ofícios Wenceslau Brás. Compondo uma rede educacional projetada para a formação profissionalizante, “os Centros Federais de Educação Tecnológica refletem a evolução de um tipo de instituição educacional que, no século XX, acompanhou e ajudou a desenvolver o processo de industrialização do país²”.

Integrante da atualmente denominada Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica – da qual também fazem parte os institutos federais de educação do

¹ Há alguns anos, alunos e professores do LEANI instituíram como mascote do curso uma ornotorrinca de nome LIANE. A referência é à constituição múltipla do ornotorrinco que, em formulações discursivas do senso comum, parece uma junção de partes de outros animais em um animal só. A estranheza frequentemente atribuída ao animal foi acolhida pelos participantes do Bacharelado em LEANI do Cefet/RJ.

² Informação disponível na página online oficial do Cefet/RJ, na aba *Histórico*: <http://www.cefet-rj.br/index.php/2015-06-02-16-38-34>. Acesso em 29 abr. 2024.

país, a Universidade Tecnológica Federal do Paraná, o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, as escolas técnicas vinculadas às universidades federais e o Colégio Pedro II – o Cefet/RJ é hoje um espaço de educação de tamanho e propósito maiores do que aquele que comparece no imaginário anteriormente citado. Dividido em oito unidades espalhadas pelo estado do Rio de Janeiro – Maracanã, Maria da Graça, Nova Iguaçu, Itaguaí, Petrópolis, Nova Friburgo, Valença e Angra dos Reis – a instituição oferece cursos de nível médio/técnico, graduação e pós-graduação nas mais variadas áreas do conhecimento, dentre os quais, a título de exemplo, cito: Administração; Ciência da Informação; Edificações; Educação; Enfermagem; Engenharias; Mecânica; Relações Étnico-Raciais; Segurança do Trabalho; Turismo. Nesse grande universo de áreas, subáreas e especificidades intelectuais, está o Bacharelado em LEANI, a partir do qual se projetou um curso de pós-graduação lato sensu que inicia suas atividades em 2024, a especialização em Sociedade, Linguagem e Relações Internacionais.

A instituição de que aqui se fala ampliou sua atuação ao longo dos anos, de tal forma que passa a ser insuficiente o rótulo que há algum tempo lhe servia de identificação. ‘Uma escola de engenheiros’ não é mais o Cefet/RJ de hoje, ao menos não em sua inteireza. Técnicos, engenheiros, administradores, turismólogos, cientistas sociais ocupam o Cefet/RJ com aulas, projetos de pesquisa e extensão, atividades culturais, entre outras ações que configuram a atual pluralidade intelectual desse centro de educação. A partir de 2014, ‘internacionalistas de um tipo novo’ – como sintetizou um colega com formação em Relações Internacionais – se juntaram ao grupo e iniciaram sua trajetória na instituição.

A história dos cursos de LEA no Brasil começa na Universidade Estadual de Santa Cruz, a UESC, em Ilhéus/Bahia. Inspirado na formação oferecida pela Universidade de La Rochelle, na França, um grupo de professores inaugura, em 2003, o primeiro curso de LEA no Brasil. A UESC foi seguida pela UFPB, que iniciou o LEA-NI em 2009, pela UnB, com uma proposta mais diferenciada, o LEA-MSI, em 2010³ e pelo Cefet/RJ em 2014. Como se percebe, não há uma única aplicação das línguas estrangeiras propostas pelos cursos. O que

³ A Universidade de Brasília oferece o curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI), “recomendado para interessados no conhecimento de línguas estrangeiras numa perspectiva do seu uso em áreas tais como reforço e/ou inclusão de novas línguas no mundo digital, terminologia, tradução audiovisual, organização de conferências internacionais, censos linguísticos, criação de dicionários, entre outras” (informação disponível na página online oficial do curso, na aba *O Curso*: <http://lea-msi.unb.br/index.php/pt-br/curso>. Acesso em 11 jun. 2024).

unifica as quatro formações não é a aplicação, mas a centralidade das línguas estrangeiras. Conforme argumento adiante, essa centralidade pode ser vista como reflexo da chamada virada discursiva/linguística, uma percepção de que a linguagem/as línguas são primordiais na construção dos processos sociais e humanos.

Embora a interlocução brasileira seja constante com centros universitários franceses e portugueses através, principalmente, de intercâmbios de alunos, outros países fazem parte da comunidade internacional que articula estudos em LEA. A formação possui uma associação internacional, a AILEA (*Association Internationale des Langues Étrangères Appliquées*)⁴, que integra universidades da Alemanha, Brasil, Bulgária, Egito, França, Líbano, Marrocos, Moldávia, Romênia e Rússia. Equador e Estados Unidos também oferecem formações similares, a graduação em *Lenguas Aplicadas a los Estudios Globales* (Pontificia Universidad Católica del Ecuador) e o *Master of Science in Applied Languages and Intercultural Studies* (Georgia Institute of Technology). Os exemplos demonstram a articulação já em andamento de um campo do conhecimento que parece se aproximar e, ao mesmo tempo, se distanciar das formações tradicionais em Letras e em Relações Internacionais, áreas com as quais frequentemente é confundido.

No Cefet/RJ, a iniciativa foi liderada pelo Prof. Antônio Ferreira da Silva Junior, que há alguns anos idealizava a oferta de uma graduação que priorizasse os saberes da linguagem na instituição. Em 2013, o docente apresentou a um grupo de professores de línguas estrangeiras – e posteriormente a colegas de outras formações – a proposta de um curso inovador que possuía semelhanças a um curso de Letras, mas com formação distinta daquela que prepara professores de línguas ou nas quais as línguas comparecem de maneira instrumental ou acessória. Diferentemente de graduações que incluem algumas poucas disciplinas de línguas estrangeiras com temáticas, vocabulário, fins específicos de uma determinada área – oferta comum em cursos como Turismo, Administração, Relações Internacionais – no Bacharelado em LEANI inverte-se essa ordem de importância, como defendi em uma reunião de apresentação do curso ao Conselho Diretor do Cefet/RJ em 2013. O carro-chefe dessa formação são as línguas. Elas são aprendidas para serem aplicadas em contextos que envolvem negociações internacionais: na diplomacia, em empresas que se

⁴ A AILEA foi gestada no âmbito da *Association Internationale des Langues Étrangères Appliquées* (ANLEA), associação francesa que se dedica a promover e visibilizar os cursos de formação em LEA na França.

relacionem com o cenário internacional, em organizações que lidem com trânsitos culturais constantes, em práticas sociais nas quais a comunicação com a diferença, a troca linguística, a interação sejam centrais. Soma-se a esse caráter instrumental dado à língua, uma gama de discussões que se propõem a formar um profissional sensível social e discursivamente, apto a lidar com os ganhos, os desafios e as contradições de nossos tempos. O Bacharelado em LEANI forma internacionalistas de um tipo novo, profissionais que possuem conhecimentos em espanhol, francês e inglês, sensibilidade discursiva e social e habilidades necessárias à atuação profissional contemporânea.

Antes de prosseguir, é importante sinalizar que o Bacharel em LEA ainda não possui uma denominação única. Questão também existente no âmbito da formação em Relações Internacionais (Miyamoto, 2003), o profissional que aqui denomino como um internacionalista de tipo novo, também vem sendo chamado de *leaner*, negociador internacional, diplomata corporativo (Dalben; Moura, 2015). O pouco tempo de existência das formações no Brasil nos libera de uma denominação única, ao menos por enquanto. É possível que, conforme os cursos forem solidificando sua história na academia e no mercado de trabalho, tal denominação seja estabelecida; ou não. Quiçá a fluidez e a multiplicidade da formação serão estendidas também à nomeação, e teremos uma categoria profissional e acadêmica aberta, em processo constante de (re)definição. Não será a primeira.

A forma mais comum de explicação do curso – aquela que costuma ser mais utilizada por alunos, professores e corpo administrativo – é a apresentação sintética de seus cinco núcleos disciplinares. Neste texto, a partir do ponto de vista de um professor de um dos núcleos, integrante do Núcleo Docente Estruturante desde o início das atividades do LEANI e pesquisador dos cursos LEA, sintetizo – com mais vagar do que quando em interações como a que abre a seção – a composição e proposição de cada um desses cinco eixos disciplinares.

Línguas Estrangeiras é um núcleo composto por disciplinas que envolvem três línguas: espanhol, francês e inglês⁵. As sete disciplinas de cada língua – Língua Espanhola, Língua Francesa e Língua Inglesa de I a VII – e suas respectivas cadeiras de cultura – Culturas

⁵ As outras três universidades que ofertam LEA no Brasil têm as mesmas línguas como disciplinas obrigatórias em suas grades curriculares. Há variações em cursos espalhados pelo mundo. O curso da Universidade de La Rochelle, por exemplo, apresenta três possibilidades de formação em línguas: inglês, espanhol e português; inglês e chinês; inglês e coreano. O curso de Línguas para Relações Internacionais do Instituto Politécnico de Bragança, Portugal, por sua vez, tem inglês e espanhol como línguas obrigatórias e alemão, chinês e francês como componentes curriculares eletivos.

Hispanicas, Culturas Francófonas e Culturas dos Países de Língua Inglesa – são os componentes curriculares desse núcleo. Com uso de materiais didáticos publicados por editoras e/ou organizados pelas docentes, as disciplinas de línguas estrangeiras estruturam-se seguindo os pressupostos da área de estudos em Línguas para Fins Específicos, guardadas as necessárias especificidades de cada língua e a liberdade de cátedra das docentes para reinterpretações acerca desse direcionamento. Em artigo publicado sobre a construção das disciplinas de línguas do LEANI, três docentes então atuantes no curso apresentam as questões que estavam em processo em 2017:

O desejo é que os discentes deste curso possam se apropriar das línguas com autonomia e criticidade, agindo socialmente em diversos contextos como negócios, ONG, tradução, organização de eventos, revisão de textos, mediação de conflitos... No momento, buscamos o design de novos materiais, além de disciplinas, com foco em turismo e redação de documentos específicos de áreas afins a esse profissional, além da investigação do gênero “simulação de assembleia da ONU” para geração de um modelo didático deste gênero [...]” (Oliveira; Silva Junior; Alcântara, 2017, p. 52).

Alguns pontos sinalizados em 2017 seguem em trabalho de revisão pelas docentes das disciplinas. Uma das autoras do texto, a Profa. Alessandra Cristina Bittencourt Alcântara, por exemplo, defendeu sua tese de doutorado recentemente tendo as disciplinas de línguas estrangeiras – as de inglês em especial – como objeto de estudo. O trabalho da docente encaminhou ações importantes já em desenvolvimento no curso: a revisão das ementas de língua inglesa, um diálogo mais frequente entre as docentes das três línguas e o envolvimento mais direto com o mercado de trabalho futuro dos graduandos (Alcântara, 2021).

É importante destacar que os propósitos da formação em LEA são distintos daqueles que compõem a formação em Letras. Não somente porque nesse curso não se formam professores, mas também porque o currículo se compõe de áreas estranhas aos currículos de Letras, frisa-se que o profissional LEA não é um profissional da educação ou um linguista, mas sim um internacionalista, um profissional que lida com a cena e as problemáticas internacionais, sejam elas mais conceituais, práticas ou aplicadas.

O núcleo de Relações Internacionais tem por objetivo assentar os alunos do curso na discussão teórica e aplicada sobre o mundo internacional. Em diálogo com alunos e colegas atuantes nas disciplinas da área, percebo como o campo é caracterizado e conhecido por sua vontade teórica. Arrisco aqui uma interpretação a esse respeito. Acredito que isso se relacione

com a história (recente) da institucionalização e independência da área. Antes pensada como um tema dos estudos em Economia, Ciência Política ou História, Relações Internacionais passa a ser um campo de estudos independente bem recentemente⁶. Sua legitimidade como área do conhecimento passa – como ocorre com todos os campos que pretendem estabelecer seu caráter acadêmico/científico independente – pela construção de sua cientificidade.

Nesse sentido, as disciplinas de Relações Internacionais do LEANI são de caráter teórico importante, refletindo a história da área⁷. Os alunos são apresentados a fatos históricos relevantes para a construção de um ambiente que se possa denominar ‘comunidade internacional’ e a autores centrais que se propuseram a basilar a discussão com conceitos e noções teóricas. História das Relações Internacionais, Teoria das Relações Internacionais, Economia Política Internacional são algumas das disciplinas que compõem esse núcleo no Bacharelado em LEANI.

É importante que sejam observadas também as limitações da formação em LEA em relação àquela oferecida por cursos de Relações Internacionais. Embora esteja neste texto lidando com ambas as graduações como formadoras de internacionalistas, estou ciente de que em termos práticos, teóricos e históricos, os cursos possuem diferentes entradas no mundo do trabalho e no universo acadêmico. Considerando o início ainda recente dos cursos de LEA no Brasil, a exata diferença entre as formações ainda está por se construir. Em um exercício de síntese, Miyamoto (2003) sintetiza os propósitos da formação em RI em uma sintonia semelhante aos textos que buscam delimitar o alcance da formação em LEA:

o domínio da teoria, crucial para entender e interpretar as grandes mudanças que se processam no cenário nacional regional e mundial, e, também, o conhecimento prático que tanto interessam às empresas do setor comercial e industrial, nacionais e estrangeiras, às agências de fomento, às instâncias governamentais e às organizações não-governamentais (Miyamoto, 2003, p. 113)

Por sua vez, em texto publicado em 2015, Oliveira discute as semelhanças e diferenças entre as formações em LEA e em Relações Internacionais. O autor aponta que egressos de

⁶ Segundo Miyamoto (2003), o primeiro curso de Relações Internacionais no Brasil inaugurou suas atividades em 1974 na Universidade de Brasília (UnB).

⁷ Embora, é claro, haja também uma preocupação com a aplicação dos conceitos, especialmente no desenvolvimento de atividades de simulação de assembleias internacionais. Sousa (2017) discute as potencialidades do desenvolvimento dessas atividades na formação em LEA.

ambos os cursos possuem o devido preparo para atuação no mundo internacional, embora a formação em LEA se destaque pela ênfase nas línguas estrangeiras:

[...] o LEA se sobressai pelo ensino obrigatório de pelo menos três línguas estrangeiras, o que garante maior versatilidade no mercado atual. A proatividade e a dinamicidade são características intrínsecas do negociador internacional, pois para atuar como mediador este deve ter domínio dos diferentes aspectos culturais, estabelecer bons relacionamentos profissionais, ter desenvoltura no desenvolvimento de suas atribuições e ter por base uma formação que supra suas necessidades no ambiente corporativo (Oliveira, 2015, p. 73)

Somo ao ponto trazido pelo autor a sensibilidade sociodiscursiva a que me referi anteriormente. Aprofundo essa questão adiante.

Administração, Economia e Direito é um núcleo de caráter mais aplicado. No cotidiano do LEANI, são esses os campos disciplinares que mais alimentam as experiências de estágio supervisionado e/ou de inserção no mercado de trabalho dos alunos. O mundo corporativo por excelência e seus desdobramentos em ações de gestão e marketing é aquele que mais vem recebendo estagiários e egressos do LEANI no contexto do Rio de Janeiro⁸. Esse dado está prospectado no projeto pedagógico do curso:

O egresso do curso atenderá ao perfil profissional buscado por muitas *empresas* em nossa sociedade global e intercultural. O *mundo empresarial* busca um novo perfil profissional: mais flexível, dinâmico, adaptável e apto a promover o diálogo e trocas internacionais. Isso implica em promover uma formação de nível superior mais articulada entre os processos socioculturais, políticos, tecnológicos e econômicos (CEFET-RJ, 2017, p. 23, grifos meus)

A conexão desse núcleo com os dois anteriores está na proficiência aplicada de línguas para atuação no mundo das empresas, com atenção especial ao movimento que fazem ao cenário internacional. Dalben e Moura (2015) denominam essa articulação de saberes como diplomacia corporativa/empresarial plurilíngue. Marketing internacional, processos de internacionalização, ambiência multinacional, construção de negociações no cotidiano corporativo são práticas discutidas e instrumentalizadas nas disciplinas do núcleo. Relações Internacionais oferece o componente teórico para o desenvolvimento das habilidades

⁸ Está em fase inicial uma pesquisa conduzida pela Profa. Yana Magalhães a esse respeito com uso da plataforma LinkedIn. A partir de contatos pontuais com ex-alunos, em atividades de recepção de novos discentes e em projetos de extensão, tenho percebido uma crescente animação do mundo corporativo com as potencialidades do profissional formado no LEANI.

aprendidas em Administração, Economia em Direito. Essas habilidades são praticadas em exercícios, simulações e produções em línguas estrangeiras nas disciplinas a elas referentes.

Turismo e Eventos é mais uma possibilidade de aplicação da proficiência em línguas estrangeiras e dos conhecimentos teóricos adquiridos nos demais núcleos disciplinares. Uma formação básica em turismologia – com disciplinas como Introdução ao Turismo e à Hospitalidade e Turismo e Sociedade – possibilita aos alunos conhecer esse campo de estudos e de atuação profissional. O diferencial do LEANI em relação aos egressos de cursos de Turismo está, mais uma vez, no componente línguas estrangeiras e na atenção a como as práticas turísticas podem estar em conexão com saberes advindos dos estudos nos outros núcleos de formação da grade.

Mais uma vez, é importante aqui a reflexão sobre as limitações de um internacionalista graduado em LEA em relação a um turismólogo. Se por um lado a proficiência em línguas estrangeiras e o aprofundamento dos conhecimentos sobre relações internacionais são destacáveis na primeira formação, é evidente que o acadêmico/profissional mais capacitado para discutir epistemologicamente as práticas e os saberes do turismo é o egresso dos cursos de Turismo. A interdisciplinaridade da formação em LEA é sua potência, já que pode proporcionar ao profissional pensar, por exemplo, em um evento internacional não somente a partir dos conhecimentos sobre eventos, mas também pelas necessidades linguísticas que ali estarão presentes, pelas problematizações acerca de questões de diplomacia que podem estar em jogo. Um Bacharel em LEANI contribui com a articulação de saberes que possivelmente não estão tão à disposição dos turismólogos mais clássicos.

Por fim, o núcleo Linguagem, Cultura e Sociedade busca ser uma ponte entre as disciplinas de línguas estrangeiras e os núcleos que operam com os outros campos disciplinares, tal como se delineia no projeto pedagógico do LEANI: “O projeto trata da formação de profissionais que irão atuar como agentes de cidadania no sentido de explicitar o papel da linguagem e das mediações culturais nos processos de identificação e ação do indivíduo em seu grupo social” (CEFET, 2017, p. 20). Conhecer a perspectiva linguística/discursiva para compreender fenômenos de natureza social (tais como as práticas de preconceito linguístico ou a identificação de determinados idiomas como línguas francas em cenários específicos) é um objetivo de disciplinas como Linguagem e Sociedade e Introdução às Políticas Linguísticas. Em sintonia bastante interdisciplinar com cadeiras como

Identidades Culturais e Sociologia Aplicada às Negociações Internacionais, o núcleo pretende associar a aplicação das línguas estrangeiras no cenário corporativo e institucional internacional contemporâneo a uma atenção crítica alimentada por estudos sociais e sociolinguísticos. A sensibilidade sociodiscursiva a que me referi anteriormente, pensa-se, advém em especial desse núcleo de formação, aquele que buscará construir visão crítica e problematizadora a respeito das aplicações nas quais estarão engajados os alunos.

É com essa base de formação que se pretende construir o perfil delineado no projeto pedagógico:

Em consonância com os objetivos do CEFET/RJ, o objetivo geral do curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais é o de formar bacharéis internacionalistas, com perfil generalista, humanista, crítico e reflexivo, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, habilitando-os para o exercício pleno de todas as funções nas diversas atividades em qualquer um dos cinco núcleos que compõe o curso, com ética e responsabilidade profissional, e colaborando para a sua formação contínua (CEFET, 2017, p. 23)

Como informei acima, embora haja diferenças entre os cursos oferecidos no Brasil e em outros países, é possível perceber em todas as propostas aproximações diretas e indiretas à perspectiva da virada linguística/discursiva⁹, aquela que observa “a importância de estudar o discurso devido a seu potencial estruturador” (Moita Lopes, 2003, p. 21). Com isso, o que se quer dizer é que, no âmbito da formação em LEA, a linguagem não é um detalhe, mas sim um eixo de conexão em torno do qual giram os cinco núcleos disciplinares. Os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos não são aplicados de forma alheia a sua pertença linguística, uma vez que entendemos que “ao estudarmos a linguagem estamos estudando a sociedade e a cultura das quais ela é parte constituinte e constitutiva” (Fabrício, 2008, p. 48). Por serem as línguas o carro-chefe dessa formação, busca-se manter atenção constante à centralidade da linguagem para uma compreensão crítica do mundo social contemporâneo.

⁹ Para não me distanciar dos objetivos apresentados anteriormente, não detalho a perspectiva de linguagem que orienta minhas formulações. Saliento apenas que linguagem é aqui percebida como discurso, isto é, “uma concepção que coloca como central o fato de que todo uso da linguagem envolve ação humana em relação a alguém em um contexto interacional específico” (Moita Lopes, 2003, p. 19).

LEANI, contemporaneidade, potencialidades e desafios

O Bacharelado em LEANI coleciona alguns êxitos ao longo de seus dez anos de existência, dentre os quais se destaca a nota máxima atribuída pela comissão de avaliadores representantes do Ministério da Educação, que reconheceu o curso no ano de 2017. Além desse importante marco na história do curso, a inserção de alunos em cursos de mestrado¹⁰ e seu sucesso nas mais variadas áreas profissionais¹¹ demonstram que o trabalho realizado vem gerando frutos. Recentemente, como já mencionado, em um processo de continuidade das atividades acadêmicas do curso, um projeto de pós-graduação que se alimenta bastante das discussões desenvolvidas em algumas disciplinas do LEANI foi apresentado e aprovado pela Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação do Cefet/RJ. Sociedade, Linguagem e Relações Internacionais iniciou suas atividades acadêmicas no ano de 2024 com o objetivo de “contribuir para o desenvolvimento da reflexão sobre o papel preponderante da linguagem/do discurso nos debates sociais, especialmente aqueles que ocorrem em ambiente internacional” (CEFET, 2021, p. 2).

Há êxitos, mas há também obstáculos. A pequena narrativa que produzi acima e a metáfora da ornitorrinca assumida pelos participantes do LEANI ilustram os desafios que um curso como esse pode enfrentar. Dificuldades para explicar o que é a formação em eventos acadêmicos, em entrevistas de estágio, em programas de pós-graduação ainda muito disciplinares são frequentes para alunos e docentes do curso. A multidisciplinaridade do LEANI, aparentemente tão desejada pelo mundo contemporâneo, enfrenta questionamentos, alguns inclusive que desfavorecem sua legitimidade: ‘mas afinal, que curso é esse?’, ‘o que você estuda exatamente?’, ‘é um curso de Relações Internacionais com Letras?’, ‘não seria melhor estudar Administração?’. Estamos acostumados com essas perguntas. Se elas já nos incomodaram muito há alguns anos, hoje, de forma mais segura, estamos conscientemente

¹⁰ Para citar alguns exemplos, menciono Luiz Fernando da Silva Gomes, mestre em Ciência Política pela UNIRIO; Tomás Paixão Borges, mestre e doutorando em Ciência Política pela UERJ; Felipe Vidal, mestre em Relações Internacionais pela UERJ e doutorando em Ciência Política pela UNIRIO.

¹¹ Não tive acesso a dados precisos sobre a inserção profissional dos egressos do LEANI. Percebo seu êxito, em contatos estabelecidos através do projeto de extensão que coordeno, o Conexão LEANI, e também de eventos pontuais de extensão e/ou de recepção de novos alunos que organizo individualmente ou em parceria com outros colegas. Constantemente, convido alunos a se apresentarem para turmas em andamento e falarem sobre sua formação e inserção no mercado de trabalho e acadêmico.

sintonizados à polivalência necessária para atuar no mundo contemporâneo com conhecimento, empatia e senso crítico.

Há nesse obstáculo uma incoerência constitutiva da contemporaneidade. De forma explícita, o mundo acadêmico e o mercado de trabalho enunciam grande interesse em produzir diálogos e em encarar o mundo através da multidisciplinaridade. Cursos e programas de graduação e pós-graduação que se valem da palavra multidisciplinar em seus títulos e caracterizações, bem como uma produção acadêmica que experimenta perspectivas cada vez mais alimentadas por áreas diferentes – de tal forma que já não sabemos em que ponto inicia uma área para outra começar a fazer o seu trabalho – são frequentes. O mercado de trabalho enuncia a necessidade de profissionais polivalentes. A metáfora das ‘caixinhas’ é comum na intenção de solicitar profissionais que saibam fazer mais de uma coisa, que estejam treinados a articular saberes de campos diferentes, que saibam estar ‘fora das caixinhas’.

Para entender esses anseios do nosso momento socio-histórico, caracterizações do mundo contemporâneo formuladas por autores da grande sociologia, como Zygmunt Bauman, são essenciais. Em oposição à solidez da modernidade, o panorama pós-moderno/contemporâneo alimenta-se da liquidez, preza pela ideia da contingência, da pluralidade, da impermanência. Somos plurais e estamos dispostos a mudar. Não porque queremos, mas porque a velocidade dos sentidos que circulam pelo mundo nos exige. O autor nos explica:

Líquido-moderna é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. [...] A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo” (Bauman, 2007, p. 7).

Não pontuo nesta reflexão o olhar pessimista do autor sobre o mundo contemporâneo, que – sabemos – é bastante representativo de sua obra. Valho-me aqui da caracterização do mundo líquido para identificar alinhamentos da formação em LEANI a essa interpretação. Uma ciência bastante presente na construção do saber no âmbito do LEANI, a Linguística Aplicada, uma área que se propõe a ler a vida social pela lente da linguagem, vem percebendo tais alinhamentos. É emblemática, nesse sentido, a cunhagem da tipificação ‘indisciplinar’ à Linguística Aplicada que antes se considerava (só) interdisciplinar. Também chamado de mestiço e de transgressivo, esse campo do conhecimento preza pela indefinição de seus

limites, pelo borramento das limitações disciplinares de seus objetos de estudo, pela “defesa de um hibridismo teórico-metodológico, do fim do ideal de neutralidade e objetividade na produção do conhecimento” (Fabrício, 2008, p. 51).

Assim como não denominaria a Linguística Aplicada Indisciplinar como uma área pós-moderna, também não diria que o LEANI seja um curso pós-moderno ou líquido, mas sim que é um campo acadêmico e profissional emergente e ainda em construção que decide enfrentar os desafios que a pós-modernidade coloca. O texto do projeto pedagógico nos diz isso: “o egresso do curso atenderá ao perfil profissional buscado por muitas empresas em nossa sociedade global e intercultural. O mundo empresarial busca um novo perfil profissional: mais flexível, dinâmico, adaptável e apto a promover o diálogo e trocas internacionais” (CEFET, 2017, p. 23).

Acolhemos a dinamicidade e a adaptabilidade como características essenciais de nossa atuação. Essas habilidades são essenciais, por exemplo, na organização que os docentes fazem das ementas das disciplinas, da proposição de projetos de pesquisa e extensão. Uma vez no LEANI, os docentes se despedem, em certa medida, de uma atuação acadêmica em suas áreas de formação original e passam a dinamizar sua produção intelectual, a adaptar seu repertório de conhecimento à formação em Línguas Estrangeiras Aplicadas. A sociologia que se ensina no LEANI não é aquela que comparece nos cursos de Ciências Sociais. A linguística aplicada presente nas ementas de disciplinas como Linguagem e Sociedade não é a mesma que se apresenta a um curso de Letras. As discussões são diferentes porque a formação em questão é outra. Movimentos assim têm produzido, ao longo do processo contínuo de construção da formação no LEANI, componentes curriculares muito próprios do curso. É o que ocorre, por exemplo, na disciplina Planejamento e Consultoria Linguística. A proposta curricular está alinhada a conhecimentos em linguística aplicada, articulados com a área da gestão e da sociologia das empresas¹². Essa disciplina respira ‘um ar LEA’. Ao final do percurso, os consultores linguísticos ali projetados possuem particularidades em relação a profissionais que usem essa denominação, mas que sejam graduados em Letras, por exemplo. A articulação dos saberes na disciplina é uma continuidade da dinamicidade e adaptabilidade prevista na formação como um todo.

¹² A Sociologia das Empresas é essencial para conhecer práticas de Consultoria Linguística que não idealizam soluções para necessidades comunicativas. A área garante que o senso crítico e desconfiado esteja ativado ao longo das aulas da disciplina.

Fazemos isso buscando constante ciência do tamanho de nosso desafio. Uma das questões que frequentemente se observa nos depoimentos dos *leaners* é a dificuldade de entendimento da formação pelo mercado de trabalho: “A complexa e difícil inserção do profissional LEANI no mercado de trabalho gera um ambiente de insegurança e instabilidade para os discentes, que acabam não identificando claramente um real benefício ou aplicabilidade imediata do curso para as suas vidas profissionais” (Oliveira *et al.*, 2019, p. 74). Nesse sentido, acho importante salientar que a dificuldade por que agora passa o LEANI foi também uma dificuldade de formações que, há alguns anos, eram desconhecidas porque muito recentes. Um exemplo a que sempre recorro é o da graduação em Relações Internacionais, tomando por base depoimentos de colegas formados nesse curso e textos que se propõem a apresentar a história da área. Constantemente confundida com a formação em Ciência Política ou Economia, graduandos de Relações Internacionais, há alguns anos, também tinham dificuldade em explicar a especificidade de sua formação. ‘Afinal, você vai fazer o quê?’, pergunta que também atormenta *leaners*, eram frequentes quando o curso se popularizou no Brasil, por volta dos anos 90. Miyamoto sintetiza, em texto de 2003, preocupação semelhante àquelas trazidas a este texto:

“O que nós vamos ser quando crescer” (*sic*) perguntava, certa vez, aluno de graduação em Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), em artigo publicado pelo jornal O Estado de Minas. As preocupações por ele expostas diziam respeito a um sentimento de insegurança quanto ao futuro profissional e a um certo desânimo ou incômodo difíceis de explicar, sentidos por ele e seus colegas (Vasconcelos, 1999). Isso se verificava, em certa medida, devido à grade curricular multidisciplinar do bacharelado em Relações Internacionais que não forma alunos com habilidades específicas, como a maioria dos cursos universitários (Miyamoto, 2003, p. 103)

Tal como costumamos pensar no âmbito dos cursos LEA, a autora do artigo sinaliza a multidisciplinaridade como um desafio da relação dos cursos de Relações Internacionais com o mercado de trabalho. Eis a incoerência mencionada acima, constitutiva da vida social contemporânea. A necessidade de categorizações disciplinares e a percepção de que a multidisciplinaridade é uma chave acadêmica e profissional importante convivem em nossos imaginários. Ao mesmo tempo em que nos parece desatualizada a formação de um profissional apto a atuar em apenas uma área, a fazer apenas uma coisa muito bem definida, receamos a multiplicidade. Saber uma coisa é pouco. Saber um pouco de cada coisa é bom,

mas pode criar a impressão de falta de aprofundamento. Valendo-me da metáfora baumaniana, somos líquidos e sólidos simultaneamente. Pensamos líquido, mas ainda atuamos na solidez; ou ao contrário, sempre fomos líquidos, o que persiste é uma mentalidade sólida. Não possuo recursos (psicanalíticos, talvez) para compreender bem essa aparente contradição. Na tentativa de com ela lidar, a saída é a ativação constante de uma visão crítica sobre as relações que estabelecemos e os sentidos sociais que produzimos, algo que buscamos fazer no LEANI.

Gostaria ainda de abrir uma reflexão, certamente não nova, mas aparentemente pouco levantada no âmbito da formação em LEA. Em oposição a que áreas do conhecimento o LEANI se constrói como multidisciplinar? Às Ciências Sociais, por exemplo? À formação em Letras, talvez? São as Ciências Sociais, o curso de Letras áreas disciplinares? Ou será que nos acostumamos a elas como áreas mais homogêneas? Não terá sido o tempo de existência de cursos dessas áreas, a forma como foram se expandindo das universidades para o mercado de trabalho e outras arenas de atuação social, a robustez que, ao longo dos anos, foi se construindo na produção acadêmica de alunos e docentes que deu a elas a sua uniformidade, a sua ‘cara de disciplina (legitimada)’, a sua aceitação como área do conhecimento? Tendo a responder afirmativamente a essas questões. E isso nos deixa um recado aos participantes ativos dos cursos de LEA: precisamos falar sobre nossas formações. Precisamos seguir em um exercício de reflexão sobre a especificidade do nosso fazer e precisamos ampliar as redes de divulgação de nosso trabalho. Precisamos falar o nome completo de nosso curso quando interagimos com pessoas que não o conhecem. Precisamos estabelecer sínteses, descrições sobre o que fazemos que facilitem o entendimento de nossas especificidades. Precisamos fazer mais o que estou buscando fazer aqui: citar-nos. É importante dar visibilidade à produção acadêmica em/de LEA(NI) em nossos textos.

Nessa intenção, antes de finalizar o texto, penso ser importante destacar a produção acadêmica em LEA que vem se desenvolvendo no âmbito do Cefet/RJ. Refiro-me aos trabalhos de conclusão de curso defendidos desde 2018, quando uma primeira aluna finalizou sua formação. Embora haja trabalhos que são aparentemente mais disciplinares, reconhecem-se também produções ‘bem LEA’, isto é, sintonizadas com a construção de problemas de pesquisa que são uma coisa e outra, que se interessam igualmente por diferentes núcleos de formação do curso. Por questões de espaço, cito apenas dois trabalhos mais recentes.

Raoni Gonçalves Gomes desenvolveu uma pesquisa sobre a ação internacional chinesa em forma de *soft power* através dos Institutos Confúcio espalhados por todo o mundo. O pesquisador buscou entender, a partir de uma lente teórica informada pelas Relações Internacionais e pelos Estudos Culturais, a atuação política dessa instituição linguística e cultural e sua força para desconstruir imaginários preconceituosos sobre a China. Segundo o autor, “o acesso à cultura serve como um meio de influência, que aumenta a sensibilidade entre outras culturas e é crucial para a diminuição de pré-conceitos de uma sociedade a outra” (Gomes, 2022, p. 9). O trabalho é, ao mesmo tempo, sobre língua e identidade cultural, sobre política linguística e relações internacionais. A pesquisa contribui para o campo das Relações Internacionais por levantar aspectos linguísticos importantes. O que Gomes (2022) estuda é uma dinâmica sociodiscursiva contemporânea que precisa de ferramentas múltiplas de interpretação: uma reflexão sobre linguagem, que também seja sobre relações internacionais; uma discussão sobre cultura, que não dispense uma atenção ao discurso. O Bacharelado em LEANI favoreceu a construção da reflexão proposta.

A pesquisa de Mylena Alves da Silva Coração gira em torno de estratégias de marketing internacional a partir de um olhar atento a escolhas de tradução: “[...] questionamos a aparente inexistência e a desvalorização da atuação no marketing internacional de um profissional com conhecimento especializado em tradução ou em línguas estrangeiras aplicadas e que tenha preocupação com a cultura de chegada” (Coração, 2022, p. 2). A pesquisa contribui tanto para os estudos na área do marketing e da publicidade – dando visibilidade ao trabalho com a tradução em soluções de marketing bem e mal desenvolvidas por empresas que buscaram internacionalizar sua marca – quanto para o campo da tradução – recortando um contexto pouco observado nos ciclos mais tradicionais de estudo. A multidisciplinaridade da formação em LEA possibilitou que a autora analisasse seus dados apoiada em teorizações variadas, tal como sinaliza na introdução de seu texto: “[...] colocaremos a tradução e o marketing internacional lado a lado para tratar de dilemas e discussões que possuem em comum” (Coração, 2022, p. 3). Percebe-se a singularidade da produção tanto por sua articulação teórica, quanto pelos gestos analíticos presentes na pesquisa. Trata-se, sem dúvida, de uma produção acadêmica ‘bem LEA’.

Considerações finais

Encerro este texto dando destaque a algumas ações concluídas e em desenvolvimento na busca por divulgação dos cursos LEA, bem como por uma maior integração entre os centros de ensino que oferecem essa formação, elemento fundamental na ampliação de redes e solidificação da área dentro e fora do Brasil.

Em julho de 2021, organizei uma mesa que convocou internacionalistas de cursos LEA de todo o Brasil a um encontro de troca de experiências. A atividade ocorreu no âmbito da ‘V Jornada Nacional de Línguas e Linguagens/I Jornada Internacional de Línguas e Linguagens’ promovidas pela Universidade Federal de Campina Grande. Sob o título ‘Línguas Estrangeiras Aplicadas (LEA) no Brasil: a construção de uma área de estudos’, docentes ou discentes de Bacharelados em LEA, trocamos experiências, comunicamos pesquisas de TCC e investigações a respeito das particularidades da formação em LEA. Foi um momento importante de reconhecimento das potências de nosso fazer e também de uma espécie de ‘terapia em grupo’ sobre os desafios de nossa formação, quase todos comentados ao longo deste texto.

Em 2023, inicia no Cefet/RJ o projeto de extensão Conexão LEANI, atividade que coordeno em parceria com a Profa. Andrea Reis, docente de francês do Bacharelado em LEANI. Nosso trabalho pretende divulgar o curso de graduação em escolas de ensino médio, especialmente em turmas de terceiro ano. Com atividade frequente também nas redes sociais, os integrantes do projeto – coordenadores e alunos bolsistas e voluntários – buscam ampliar as redes de divulgação e falar diretamente com aqueles que podem ser *leaners* em potencial. Ao longo de 2023, foram visitadas duas escolas públicas estaduais do Rio de Janeiro. Além das publicações no perfil online, durante um evento do Cefet/RJ, a Semana de Extensão de 2023, preparamos um tour pelas instalações da instituição e uma oficina – LEANI de Portas Abertas – da qual participaram alunos de uma das escolas que foram visitadas, alunos do LEANI em curso e egressos. O momento foi de grande aproveitamento para os participantes, já que a conversa possibilitou intercâmbio de dúvidas, depoimentos sinceros sobre facilidades e dificuldades que a formação oferece no mercado de trabalho, entre outras discussões.

Destaco também a presença internacional de cursos LEA brasileiros. Atualmente, já fazem parte da AILEA a Universidade Estadual de Santa Cruz e a Universidade de Brasília.

Charles Teixeira, docente da Universidade de Brasília, compõe a equipe gerenciadora da Associação. Esse é um movimento a ser seguido pelas demais universidades e centros de ensino a fim de fortalecer a área unindo forças a instâncias de alcance internacional.

Iniciado pela UESC, um evento reúne anualmente alunos, docentes e pesquisadores em LEA, o *Learning About*. Com sua primeira edição realizada em 2014, a partir da iniciativa da LEA Jr. Consultoria Internacional¹³, o evento já percorreu os quatro contextos universitários que oferecem a graduação no Brasil. A última edição¹⁴, realizada em 2019, deu início a uma ação que precisa ser continuada, o Encontro Nacional de Estudantes de LEA.

Também uma iniciativa da UESC, esta revista é uma ação louvável para a ampliação das ações de pesquisa no âmbito das graduações em LEA. Indexada no Diadorim e no Latindex, a C@lea – Cadernos de Aulas do LEA reúne trabalhos de pesquisadores, docentes e discentes de LEA e formações afins desde 2012. Trata-se de uma publicação que, a cada ano, amplia sua rede de autoria e mantém seu compromisso com a divulgação de estudos em nossa área. Destaco sua abertura a receber publicações não somente de autores com titulação acadêmica elevada, mas também de alunos que ainda se encontram em processo de formação inicial na área. Tive o prazer de acompanhar de perto a produção, revisão e publicação de alguns alunos do Cefet/RJ que têm trabalhos finais de disciplinas e recortes de TCC publicados na revista. Essa é uma escolha editorial comprometida com o incentivo a jovens pesquisadores em LEA, que possuem um espaço criterioso e sério para divulgação de seus conhecimentos. A revista recebe anualmente contribuições de docentes, alunos e pesquisadores com variados níveis de formação e pertencentes a distintos centros de ensino e pesquisa.

Internacionalistas de um tipo novo circulam em universidades e empresas nacionais e internacionais. Saídos de espaços de formação multidisciplinares, egressos de cursos LEA têm demonstrado que a linguagem é um aspecto essencial para compreender as dinâmicas

¹³ Outra ação de grande relevância iniciada em 2006, “A LEA Jr. Consultoria Internacional é a Empresa Júnior do curso de graduação em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEA) da Universidade Estadual de Santa Cruz. [...] As competências da LEA Jr. Consultoria Internacional se estendem desde Marketing, Comunicação, até teorias das Negociações Internacionais, o que possibilita a formulação de estratégias destinadas à inserção da empresa no mercado internacional da forma mais exitosa possível”. Disponível em: <https://leajunior.blogspot.com/p/a-empresa.html>. Acesso em 20 ago. 2024.

¹⁴ A página institucional do curso da UnB organizou a cronologia do evento de 2014 até 2018 sinalizando seus temas e instituições que o sediaram. Disponível em: <http://lea-msi.unb.br/index.php/pt-br/eventos/learning-about>. Acesso em 20 ago. 2024.

sociais do mundo contemporâneo. Como sujeito participante da construção da história desses cursos, entendo que é tarefa minha e de meus pares fortalecer vínculos, impulsionar nossa produção e registrar os passos já dados. Foi o que busquei fazer neste ensaio.

Referências

ALCÂNTARA, A. C. B. **Novos caminhos**: o ensino de línguas para fins específicos no bacharelado em LEANI – Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais. 2021. Tese (Doutorado em Estudos de Língua). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA. **Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais – Projeto Pedagógico**. Cefet/RJ: Rio de Janeiro, 2017.

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA. **Projeto de Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Sociedade, Linguagem e Relações Internacionais**. Cefet/RJ: Rio de Janeiro, 2021.

CORAÇÃO, M. A. S. **O que as marcas falam e como são ouvidas**: um estudo de caso da tradução no marketing internacional latino-americano. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais). Coordenação de Curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2022.

DALBEN, T. P. S.; MOURA, T. G. Z. O negociador internacional plurilíngue: desafios contemporâneos. In: PERTEL, T.; MOURA, T. G. Z. **LEA 10 anos de Brasil**. Ilhéus: Editus, 2015. p. 17-44.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GOMES, R. G. **As ações dos Institutos Confúcio como estratégia de poder brando para a revisão de imaginários brasileiros sobre a China**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais). Coordenação de Curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2022.

MISHLER, E. G. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. *In*: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (Orgs.). **Identities**: recortes multi e interdisciplinares. Campinas: Mercado de Letras, 2002. p. 97-119.

MIYAMOTO, S. O ensino das Relações Internacionais no Brasil: problemas e perspectivas. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, n. 20, p. 103-114, 2003.

MOITA LOPES, L. P. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais. *In*: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Discurso de identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras, p. 13-38, 2003.

OLIVEIRA, V. L. S. A interface profissional do negociador internacional e a influência do inglês no mercado globalizado. *In*: PERTEL, T.; MOURA, T. G. Z. **LEA 10 anos de Brasil**. Ilhéus: Editus, 2015. p. 47-77.

OLIVEIRA, R. B. S.; SILVA JUNIOR, A. F.; ALCÂNTARA, A. C. B. A inserção do Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas no cenário do CEFET-RJ: histórico e papel dos idiomas. **SEDA** – Revista de Letras da Rural, Seropédica, v. 2, n. 6, p. 43-55, 2017.

OLIVEIRA, M. I. A. J. *et al.* A atividade de pesquisa aplicada e de extensão no contexto LEA em consonância com as demandas do setor produtivo. **C@LEA** – Cadernos de aulas do LEA, n. 8, p. 72-87, 2019.

SOUSA, E. S. T. Práticas interativas de aprendizado: as simulações de negociações internacionais como ferramenta de ensino nos cursos LEA. **C@LEA** – Cadernos de aulas do LEA, n. 6, p. 1-19, 2017.